

NA ANÁLISE DE DISCURSO, “A PAISAGEM É REALMENTE ACIDENTADA”, OU  
REFLEXÕES ACERCA DE SEU PROCESSO DE DISCIPLINARIZAÇÃO NO SUL DO BRASIL

Amanda Scherer  
Verli Petri  
Taís da Silva Martins

**RESUMEN.** El objetivo de este artículo es comprender la constitución disciplinar contemporánea, a partir de las formas de nombrar y designar una nueva disciplina en el espacio institucional académico. Se trata de analizar un caso específico: la emergencia del Análisis del Discurso en los programas de Postgrado en Rio Grande del Sur, a través de las relaciones que se han establecido entre la fundación del Análisis del Discurso, su institucionalización y su desarrollo, tanto en Francia como en Brasil. Esta reflexión presenta distintos momentos socio-históricos y indica por lo menos tres épocas que apuntan a tres fases distintas del proceso de disciplinarización.

*Palabras clave:* Análisis del Discurso, denominación, designación, disciplinarización, disciplina.

**ABSTRACT.** This article aims to understand the contemporary disciplinary constitution by explaining the ways of naming and designating a discipline in the institutional space. It is the specific case of Discourse Analysis in Postgraduate Programs in Rio Grande do Sul is studied taking into account the possible relationships established between the foundation of Discourse Analysis, its institutionalization, and its development both in France and in Brazil. Our reflection brings up different socio-historical moments indicating at least three times to refer to three distinct phases within the disciplinary process.

*Keywords:* Discourse Analysis, nomination, designation, disciplinary process.

**RESUMO.** Este artigo objetiva a compreensão da constituição disciplinar contemporânea, explicitando os modos de nomear e designar uma disciplina no espaço institucional. Trata-se do caso específico da Análise de Discurso nos Programas de Pós-Graduação no Rio Grande do Sul, levando-se em conta as possíveis relações que se estabelecem entre a sua fundação, sua institucionalização e seu desenvolvimento, tanto na França quanto no Brasil. Nossa reflexão traz à baila diferentes momentos sócio-históricos, indicando pelo menos três épocas que remetem a três fases distintas no interior do referido processo de disciplinarização.

*Palavras-chave:* Análise de Discurso, nomeação, designação, disciplinarização, disciplina.



*Signo y Señal*, número 24, diciembre de 2013, pp. 21-34

Facultad de Filosofía y Letras (UBA)

<http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/index>

ISSN 2314-2189

**1. INTRODUÇÃO.** Nossas pesquisas, na atualidade, têm sido construídas entre dois campos teóricos do conhecimento sobre a linguagem. O primeiro, aquele da Análise de Discurso na sua perspectiva materialista, sobretudo, pelas reflexões no tocante à relação língua, memória e história. O segundo, o da História das Ideias Linguísticas como tem sido proposto no contexto brasileiro, por nos mostrar a importância de se refletir sobre a história disciplinar contemporânea, mais especificamente, a constituição da Linguística como objeto de conhecimento e os estudos sobre a língua no/do Brasil. Dessa forma, estamos propondo reflexões acerca do processo da constituição disciplinar, buscando explicitar a forma como teorias advindas principalmente do estruturalismo europeu e americano constroem um imaginário acerca da língua e da linguagem. A relação entre esses dois campos tem contribuído de forma exemplar no desenvolvimento de nossos estudos e tem nos ajudado a avançar *a* e *na* reflexão sobre a importância de se entender de que forma a atividade científica está afetada, de um lado, pelo lugar ocupado pelo linguista e, de outro, pelo seu entendimento do que seja científico na relação teoria e prática.

Temos procurado, a partir disso, especificar as condições de produção desta atividade científica para poder compreender de que modo o envolvimento (ou não) do sujeito linguista, quer em políticas públicas de formação de pesquisador, quer na de produção do conhecimento, afeta o processo do disciplinar no campo do saber sobre a linguagem e, por consequência, o desenvolvimento de pesquisas futuras oriundas desse fazer. De fato, nos propomos a refletir sobre como a circulação das idéias linguísticas pode ser pensada pela maneira como o sujeito representa seu lugar no institucional, como também por sua história, por sua formação intelectual em Linguística e, em decorrência disso, pelo seu imaginário e representação acerca da língua.

Nosso entendimento está alicerçado no pressuposto de que refletir sobre a circulação do conhecimento sobre a língua(gem) —considerando que a língua cria a relação, e a linguagem cria a diferença, uma e outra sempre interdependentes—, através de instrumentos que lhe são próprios, é uma forma de se refletir sobre o que é dar às pessoas o acesso ao conhecimento, na sociedade em geral, e como elas tomam tais instrumentos para si e constituem um saber sobre ela (Scherer, 2012).

Para nós interessa, portanto, discutir como se constrói o lugar da disciplinarização dos estudos sobre o discurso no contexto brasileiro e principalmente sua institucionalização no sul do país, a fim de entendermos

como a movência nas nomeações/designações da Análise de Discurso vai construindo um espaço discursivo efetivo para a constituição de seu lugar fundacional na atualidade. Tomaremos como objeto de estudo os ementários, os conteúdos, bem como as bibliografias indicadas nos programas de ensino e de estudos em documentos que oficializam a administração acadêmica, por constituírem uma parte da história dos Programas de Pós-Graduação em Letras do Rio Grande do Sul. De fato, esses documentos, implementados por instituições de ensino superior, conhecidas pela política de qualidade na formação de jovens pesquisadores em nosso estado, foram elaboradas com esse mesmo objetivo.

**2. UM GESTO PRELIMINAR.** A constituição de um campo disciplinar está longe de ser um ponto pacífico e de apresentar uma linearidade observável; no caso da Análise de Discurso, isso é ainda mais controverso e contraditório. Concordamos com Francine Mazière quando esta introduz suas reflexões sobre a história e as práticas próprias ao campo da análise de discurso dizendo que “a paisagem é realmente acidentada” (Mazière 2007, 8). Nosso interesse neste artigo é explicitar um pouco da história desse campo de saber, designado pelo “sintagma ‘análise do discurso’”<sup>1</sup>, o qual se desenvolve na França nos anos 1960-1970 (Mazière 2007, 7), observando especialmente como ele acontece no Brasil nos anos de 1970-1980; para isso, buscamos situar o processo de sua disciplinarização no sul, tomando como arquivo documentos de programas de cursos de pós-graduação sul-rio-grandenses que a ele fazem menção.

Mazière (2007) assevera ainda que a Linguística é o principal lugar institucional da Análise de Discurso, fazendo referência especial à fundação da disciplina teorizada por Michel Pêcheux e seus pares na França. Isso não é tão diferente em termos de Brasil e é o que queremos mostrar com a realização de um recorte teórico-metodológico bem específico, qual seja: a reconfiguração dos Cursos de Letras, ainda na década de 1960 —quando o ensino da Linguística torna-se obrigatório— e o que disso decorre no final dos anos 1970, início dos anos 1980, com a introdução da

1 Segundo Mazière (2007, 29), essa nomeação remete à “Escola Francesa de Análise do Discurso” que se desenvolveu na Universidade de Paris X, em Nanterre (1969-1971). Tal nomeação foi adotada por Guespin, no final dos anos 1970, correspondendo, então, ao desenvolvimento da linha pecheutiana (Orlandi 2012, 15). De fato, o grupo de Michel Pêcheux “não tinha vínculo institucional estável” (Mazière 2007, 47), o que acontece num segundo momento junto a Paul Henry e Michel Plon, no CNRS (Orlandi 2003, 10).

Análise de Discurso, dita de linha francesa, nos programas de formação de pesquisadores, como é o caso dos cursos de mestrado e doutorado.

Nosso olhar recai especialmente sobre os programas de Pós-Graduação, nos quais a Análise de Discurso foi estudada, sobretudo, no tocante às instituições universitárias sul-rio-grandenses. Nessa esteira, podemos afirmar que foi próxima à disciplina de Linguística e aos Cursos de pós-graduação em Letras —Linguística ou em Estudos Linguísticos— que esta teoria ganhou estatuto de disciplina.

Não nos deteremos em precisar quando e como ou com quais textos a Análise de Discurso pecheutiana é introduzida no contexto brasileiro do sul, mas certamente ela passa a ocupar um lugar formal no interior das instituições a partir da década de 1980 (Scherer e Petri 2012), muito embora sua introdução teórica se dê ainda nos anos 1970 (Orlandi 2012, 21), momento em que se consolidava a institucionalização da Linguística e a formação de pesquisadores nessa área. De fato, nesse período, muitos “linguistas brasileiros não aceitam que uma forma de conhecimento materialista sobre a linguagem, que ignora o positivismo, se formasse contraditoriamente no seu [da Linguística] interior” (Orlandi 2012, 21-22). O que podemos desde já afirmar é que são pesquisadores formados tanto no exterior quanto no Brasil que vão compor o quadro dos primeiros cursos de pós-graduação *stricto sensu*, e a Análise de Discurso vem ocupar um lugar próprio à ruptura e à polêmica no Brasil, a saber, “o da materialidade da língua, do sujeito, da história, do sentido, afetados pela relação do inconsciente com a ideologia” (Orlandi 2012, 23). Em nosso entender, são esses espaços de leitura e de reflexão que dão início ao processo de disciplinarização da Análise de Discurso e são eles que nos interessam, especialmente, porque consideramos que a Análise de Discurso “se ocupa do sentido” (Mazière 2007, 26), sendo da ordem da interpretação; a partir disso, entendemos que, se uma disciplina é nomeada de uma maneira e não de outra, a nomeação está funcionando em prol de um direcionamento de sentidos em detrimento de outros possíveis.

A partir dessa perspectiva, é preciso compreender os modos de designar e de nomear uma disciplina, o que se observa em Francine Mazière, que a denomina, para o contexto francês, como “sintagma” que sofre transformações, passando de “análise *do* discurso” para “análise *de* discurso”, alterando/alternando, com isso, também a configuração disciplinar, já que a segunda direção permite “a análise ‘dos’ discursos, entendidos, devido ao plural, como tipos de discurso” (Mazière 2007, 25). É dife-

rente enunciar “análise do discurso”, ou “análise de discurso”, ou “análise dos discursos”, ou mesmo “AD”, pois há um funcionamento histórico e ideológico que coloca em jogo diferentes efeitos de sentidos, e isso não passa despercebidamente para nós, analistas de discurso que somos. Vamos adotar, aqui, despreziosamente, a designação *Análise de Discurso*<sup>2</sup>, conforme já está em nosso título, como uma forma convenientemente explicitada por Francine Mazière (2007), bem como evitaremos a abreviatura, a qual, em alguns momentos, pode significar o reducionismo no/do nome. Determinar tal direção já implica um posicionamento teórico, marcado pelo reconhecimento de que todo discurso, ao ser proferido, está prenhe de sentidos e de que a escolha das nomeações ou designações não é “a escolha” de um sujeito e sim o resultado das determinações históricas que nos levam a dizer algo em detrimento de dizer outra coisa.

Considerando isso, buscamos adentrar o processo de disciplinarização da *Análise de Discurso* nas instituições que selecionamos para tal objetivo, a partir do que realizamos nosso recorte analítico por meio da busca da compreensão das seguintes questões, a saber: como se dá o movimento de regularização/desregularização/re-regularização no interior de programas e ementas de disciplinas?, e como se constitui essa história disciplinar num espaço que revela movimentos de lembrar/esquecer/retornar/silenciar/reelaborar? —movimentos estes que, em nosso entender, são apontados por meio das nomeações e renomeações da disciplina desde sua fundação até seu estabelecimento e/ou o seu silenciamento—.

São estes questionamentos que possibilitam a construção e a constituição de um trajeto de leitura bem específico no interior de nosso arquivo, permitindo a identificação de conceitos pertinentes à nossa reflexão, ou seja, a observação das alterações das nomeações e designações disciplinares, bem como o apontamento de teóricos que fazem da história disciplinar da *Análise de Discurso* no Rio Grande do Sul aquilo que ela é hoje, porque concordamos com Scherer (2005, 10) quando esta afirma que “a compreensão desse tipo de processo permite entender a institucionalização de determinados territórios”. Para nós, trata-se de territórios políti-

2 Muito embora nas materialidades analisadas, ao perscrutarmos o sintagma *Análise de Discurso*, muitas vezes, ele aparece grafado como *Análise do Discurso* e volta a ser *Análise de Discurso* em um mesmo documento; assim sendo, tomamos esta posição teórica. Mas, para fins de análise, de/do não é uma preposição/contração (ou construção/escolha) que consideraremos, neste momento, como excludente ou não a uma teoria de filiação pecheutiana.

cos e sociais do pesquisador com um certo imaginário de controle de verdade e na ilusão de um possível saber do conhecimento produzido.

**3. PROCESSOS DE NOMEAÇÃO/DESIGNAÇÃO QUE CONSTITUEM UMA ÉPOCA.** Scherer e Petri (2012), em *Le mouvement et les déplacements des études sur le discours à partir des années 80 et leur disciplinarisation: le cas brésilien*, apresentam reflexões acerca da história da disciplinarização dos estudos sobre o discurso no Brasil, tomando por base a problemática contemporânea da historicização da produção do conhecimento sobre a língua e a linguagem. É na esteira deste trabalho que inserimos nossas análises, entendendo que o estudo da disciplinarização leva em conta pelo menos três aspectos: *o primeiro* diz respeito ao que é uma disciplina propriamente dita; *o segundo*, à constituição de um saber sobre a língua; e *o terceiro*, à produção de instrumentos linguísticos que podem nos ajudar a refletir sobre esse saber como disciplina universitária (Scherer 2008).

A partir das reflexões propostas por Martins (2008, 2012), buscamos conhecer e compreender essa relação, considerando a análise dos objetos de estudo e de ensino, dos programas e dos ementários, assim como das bibliografias sugeridas nesses documentos oficiais por constituírem uma parte da história dos Programas de Pós-Graduação em Letras do Rio Grande do Sul. Importa ressaltar que tais programas já possuíam o curso de doutoramento nos primeiros anos em que a teoria do discurso, pensada por Pêcheux, na França, é disciplinarizada neste estado. A questão que emerge, após nossos primeiros gestos de leitura, é a que indica a presença de movimentos teóricos sobre os modos de designação e de nomeação, pois há um constante movimento/deslocamento nas nomeações, designações e, conseqüentemente, na significação do disciplinar da Análise de Discurso durante este processo.

Nos estudos propostos por Martins (2012), observamos dois momentos de disciplinarização distintos no contexto sul-rio-grandense: um ao qual poderíamos chamar de *uma primeira época* de disciplinarização, referindo-nos ao início do processo em si, o que ocorre na década de 80, quase paralelamente ao processo de disciplinarização que acontece em outras instituições, principalmente na UNICAMP. Este primeiro, porém, sem uma relação de filiação ou mesmo de referência a essa instituição, e, como poderemos ver no decorrer de nosso estudo, silencia com o apagamento da disciplina tal como foi designada inicialmente, no final da década de 90, início dos anos 2000. E, um outro momento, a que chamaríamos

de *uma segunda época* de disciplinarização, aludindo ao que tem início a partir da segunda metade da década de 90 e que se consolida enquanto campo de saber em sua disciplinarização como Análise de Discurso, ressoando até hoje em grande parte das pesquisas, estudos e reflexões desenvolvidas no sul.

Construímos, portanto, um corpus analítico constituído por programas e ementários de disciplinas que contemplavam estas duas épocas de disciplinarização da Análise de Discurso e que tinham em sua nomeação os sintagmas Análise de Discurso/Análise do Discurso (pelo menos em parte) ou ainda que trouxessem uma designação que remetesse a esta teoria.

Para tratarmos destas questões da nomeação e da designação, buscamos os estudos de Guimarães (2003; 2005). O autor, ao tratar da referência de um nome próprio, afirma que esta “resulta do sentido do nome constituído por seu funcionamento no acontecimento enunciativo” (Guimarães 2005, 42). Para o autor, este acontecimento constitui seu próprio passado, isto é, o acontecimento é que nomeia e, assim sendo, o que um nome refere hoje é o que uma nomeação passada nomeou.

Se tomarmos tal afirmação em consideração, e transpusermos essa questão dos nomes próprios para o nome de uma disciplina, passamos a entender que os sentidos dados por determinada disciplina e o que ela significa em determinada instituição, em determinada época, é resultado de “toda sua história de nomeações, renomeações e referências realizadas com suas temporalidades próprias” (Guimarães 2005, 42).

A partir desse gesto de interpretação, entendemos que as nomeações e as designações que as teorias assumem enquanto disciplinas são muito importantes para a compreensão do processo de disciplinarização, pois funcionam no interior de um conjunto de elementos, que, por sua vez, contribuem para a produção dos efeitos de sentido sobre a constituição disciplinar.

De fato, na *primeira época* de disciplinarização, a primeira disciplina que remete, de alguma forma, aos pressupostos pecheutianos, data do ano de 1987 e é nomeada *Análise do Discurso*<sup>3</sup>. Entretanto, devemos salientar que a problemática do discurso e do texto era a questão central desta disciplina e não a teoria do discurso em si e pensada por Michel Pêcheux, tanto que figuram, na bibliografia destes programas, autores das

3 Nota das autoras: todas as designações em itálico correspondem às nomeações das disciplinas nos ementários que constituem o *corpus* de nossa pesquisa.

mais variadas filiações teóricas, como *Van Dijk (1977)*, *Watzlawick et al. (1972)*, *Schegloff (1972)*, *Levinson (1983)*, *Gumperz (1982)*, *Brown e Yule (1983)*, *Charaudeau (1983)*, *Guespin (1971)*<sup>4</sup>, entre outros. Michel Pêcheux não aparece explicitamente nessa bibliografia, mas podemos encontrar referências aos seus estudos, sobretudo, a partir de um número conhecidíssimo da revista *Langages*, o número 62 (1981), no qual temos o texto “L'étrange miroir de l'analyse de discours”, escrito pelo autor para prefaciar a publicação da tese de Courtine, bem como pela referência à obra de 1983 de Eni Orlandi, *A linguagem e seu funcionamento*, publicada pela Editora Brasiliense e que também consta nas referências bibliográficas.

Tais observações nos conduzem ao seguinte questionamento: uma nomeação é capaz de instaurar a disciplinarização? Isto é, apenas a nomeação instaura a disciplinarização, ou precisamos designar para que a disciplinarização produza efeitos sentidos? O fato é que, logo em seguida, no mesmo ano, e sob a mesma nomeação, esta disciplina (a saber, *Análise do Discurso*) é reconfigurada, tanto no que diz respeito ao seu ementário, quanto no que diz respeito aos conteúdos a serem propostos, além da sua bibliografia, nela temos uma referência explícita a *Pêcheux (1975)*, *Authier-Revuz (1982)*, *Foucault (1987)*, *Orlandi (1983)*, etc. Esta reconfiguração altera/alterna a sua designação, o que, em nosso entendimento configura um outro olhar para a constituição disciplinar da Análise de Discurso, nesta *primeira época*, aproximando-a da teoria pecheutiana e produzindo outros sentidos para a nomeação *Análise do Discurso* na instituição a que está vinculada.

Segundo Maldidier (2003, 91), “desde sempre Michel Pêcheux tinha pensado a análise de discurso na tensão entre história e linguística”, e é por essa via também que se dá o processo de disciplinarização. Trata-se de um trajeto observável, que nos remete a algo bem próprio da Análise de Discurso fundada por Michel Pêcheux e seu grupo, pois citar Pêcheux é, desde sempre, traçar um caminho teórico e é, sobretudo, um ato político, a partir do qual a filiação da pesquisa fica explicitada. Trata-se de uma tomada de posição intelectual mesmo; portanto, “é preciso entender o trabalho em torno da Análise de Discurso como uma construção de con-

4 Nota das autoras: todos os nomes de autores e obras em itálico correspondem a dados dos programas e listagem de bibliografias das disciplinas que constituem o *corpus* de nossa pesquisa.



ceitos e de saberes, cuja transmissão é hoje pouco transparente” (Mazière 2007, 48).

Ao analisarmos os demais programas e ementários disponíveis, vamos compreendendo que eles, tais como os outros primeiros programas desta *primeira época*, apresentam diferentes configurações. E, é por meio deles que podemos entender o movimento que ocorre durante a disciplinarização da Análise de Discurso. Há uma constante reconfiguração de seus programas e das bibliografias a serem trabalhadas, tanto que a disciplina inicialmente intitulada *Análise do Discurso* tem sua designação alterada/alternada em diversos momentos, o que se reflete, algumas vezes, na modificação da sua nomeação. Inicialmente, a mudança de nomeação não é descolada da designação, isto é, ainda remete a uma Análise de Discurso pecheutiana; entretanto, após inúmeras mudanças na nomeação, a designação também é alterada/alternada.

As alterações/alternações nas designações da disciplina, que vão ocorrendo até meados da década de 90, ainda a deixam próxima desta Análise de Discurso de vertente pecheutiana, apenas com outras nomeações: a) *Análise do Discurso I* e b) *Análise do Discurso II*. Entretanto, por meio das constantes nomeações/renomeações que ocorrem após a segunda metade da década de 90 até o início dos anos 2000, como: a) *Tópicos em AD*, b) *Seminário em AD*, etc., esta disciplina também vai sendo designada de forma diversa, isto é, vai significando de outra maneira. Para nós, essa é uma política que busca renomear para poder designar de outra forma. Ao renomear, os conceitos mobilizados também são outros. Tanto que as quatro últimas disciplinas em que discurso aparece na nomeação, ocorre um deslocamento na nomeação, a saber, *Tópicos em Análise do Discurso* para *Teorias do Discurso*, *Seminário em Análise do Discurso* para *Tópicos em Teorias do Discurso*, que encaminham também a um deslocamento na designação e que produzem efeitos de sentidos outros.

Podemos afirmar que a disciplina *Análise do Discurso* vai sendo designada de várias formas, até o momento em que ocorre uma certa re/des/configuração do seu campo disciplinar. Embora alguns programas de disciplina, desta *primeira época*, continuem tratando de conceitos como, por exemplo, *o discurso*, isto é feito também por meio de outras abordagens teóricas que não a Análise de Discurso pecheutiana, aquela que, mesmo timidamente, estava presente no início da disciplinarização.

É necessário afirmar que entendemos que a Análise de Discurso, ao ser nomeada em cada programa de ensino, significa de maneira diferente,

tomando para si uma designação específica, lançando possibilidades de novos olhares, traçando novos caminhos, que fazem esta disciplina significar e ressignificar. Isso pode ser entendido a partir da análise do segundo momento em que a Análise de Discurso é institucionalizada via disciplinarização em nosso estado, o que chamamos de *segunda época*.

No tocante a esta *segunda época*, os primeiros programas e ementas a que tivemos acesso datam do ano de 1996, sob três nomeações: a) *Fundamentos da Análise de Discurso*, b) *Teoria da Análise de Discurso* e c) *Leituras Dirigidas: Aspectos Metodológicos da Análise do Discurso*. Ao nos determos nas bibliografias de duas destas disciplinas, verificamos que a Análise de Discurso francesa está marcada com/por seus teóricos fundadores: *Michel Pêcheux*, *Françoise Gadet*, entre outros, além de *Eni Orlandi*, no Brasil.

Já no início dos anos 2000, temos também uma disciplina nomeada *Leituras Dirigidas: Bakhtin e Análise do Discurso* e, na metade da década, uma disciplina nomeada *Leituras em contraponto: Foucault, Pêcheux, Courtine, Bakhtin*, o que aponta para um crescente interesse sobre os estudos *bakhtinianos* e suas interfaces com a Análise de Discurso.

No período analisado, da metade da década de 90 até meados dos anos 2000, temos uma série de disciplinas em que a Análise de Discurso se apresenta, tais como: a) *Fundamentos da Análise do Discurso*, b) *Interfaces da Análise do Discurso II*, c) *Teoria da Análise do Discurso*, d) *Leituras Dirigidas: Procedimentos Analíticos em Análise do Discurso*, e) *Sintaxe e Discurso*, f) *Leituras Dirigidas: Aspectos Metodológicos da Análise do Discurso*, g) *Leituras Dirigidas: A Análise do Discurso e suas interfaces*, h) *Leituras Dirigidas: Bakhtin e a Análise de Discurso*, i) *Leituras Dirigidas: Interfaces da Análise do Discurso II*, j) *Leituras Dirigidas: Leituras em contraponto: Foucault, Courtine, Pêcheux...*, l) *Leituras Dirigidas: Leituras em contraponto: Foucault, Pêcheux, Courtine, Bakhtin*. Dessa forma, poderíamos afirmar que, nesta *segunda época*, já não encontramos o mesmo movimento de nomeação/renomeação que na primeira época de disciplinarização. Em nosso entendimento, neste período, as disciplinas não se ‘transformam’, elas se ‘saturam’. É como se, para/ao designar o novo, o diferente, fosse preciso nomear de outra forma, procurando um outro espaço e não tomando um lugar já existente.

**4. A DISCIPLINARIZAÇÃO COMO EFEITO DO REAL.** Para Scherer (2008, 134), “a problemática da disciplinarização como eixo de leitura permite reunir, em

um mesmo conjunto, preocupações históricas e didáticas”. Segundo a autora, é deste modo que podemos considerar alguns processos pelos quais a Análise de Discurso se constitui como disciplina no Brasil, “pressupondo que ela tenha uma unidade de um projeto pedagógico desde sua fundação e, também, entender melhor de que forma, a partir dos saberes de referência, tal disciplina ganhou visibilidade” (Scherer 2008, 134). Nós acrescentaríamos, ainda, a partir da nossa compreensão, que as nomeações e designações atribuídas à Análise de Discurso, ao tornar-se uma disciplina no contexto brasileiro (mais especificamente no contexto sul-rio-grandense), contribuem para que possamos refletir e compreender os processos pelos quais, na história disciplinar contemporânea, uma teoria é disciplinarizada. Processo este que não é retilíneo, único, mas construído em várias direções. Sempre é bom lembrar que tais direções não estarão em qualquer lugar, vão estar, em contrapartida, naquele que os objetos teóricos são disciplinarizados em um mesmo espaço de enunciação.

A título mais conclusivo, importa salientar que, na disciplinarização iniciada no final da década de 80 (a qual nos referimos como *primeira época* de disciplinarização), a disciplina Análise de Discurso é nomeada, renomeada, designada, significada, ressignificada no decorrer de mais de uma década de existência, quando apresenta uma série de teóricos e de conceitos e, repetimos, discursivos e textuais de diferentes vertentes teóricas. Consideramos que isso se constitui em uma alternância, uma mudança de sentidos, que acontece, apesar de termos um programa de disciplina definido desde sua fundação, um ementário, que institui uma função específica, a de cercear o que é dito, de tentar controlar a interpretação, ditar normas e regras. Tal situação se concretiza/se dá/se evidencia porque, neste momento, nesta época, em nosso entender, não temos uma filiação teórica específica, a Análise de Discurso ministrada não está vinculada a um autor, a um teórico, a um conceito, a um momento, a um território específico: ela se apresenta em uma constante busca de identificações. É como se no processo de disciplinarização deste período a disciplina Análise de Discurso estivesse em busca de sua identidade, de sua filiação, construindo e constituindo suas próprias relações a fim de se conhecer. Esse movimento acabou por reconfigurar a disciplina, apagando tanto sua nomeação quanto ocasionando o seu desaparecimento no início dos anos 2000.

Do mesmo modo, observamos que o processo de disciplinarização da Análise de Discurso que se inicia em um outro momento (meados da década

da de 90), o qual chamamos de *segunda época*, dá-se de uma outra maneira, talvez por construir um horizonte de retrospectão (Auroux 2008) mais consolidado, pois, a nosso ver, a disciplina já estava em pleno desenvolvimento no país, inclusive com teses de doutoramento já defendidas neste campo do saber. O que, de certo modo, leva a disciplina Análise de Discurso, desta *segunda época*, a estar relacionada, principalmente, com uma dada filiação teórico-analítica, a uma Análise de Discurso de linha francesa, postulada, no Brasil, pela professora Eni Orlandi. Entendemos desse modo porque, ao analisarmos os programas e as bibliografias da disciplina Análise de Discurso (conceitos mobilizados, autores selecionados e nomeações de disciplinas), observamos uma relação de proximidade teórica com esta autora que, por sua vez, está muito presente. Nesta *segunda época*, as disciplinas não passam por alterações em suas nomeações, elas já possuem suas identificações desde sua fundação, suas designações já estão postas desde sua criação/constituição, tanto que se criam novas, outras disciplinas, embora não se alterem as já existentes.

Para nós, estas épocas de disciplinarização apresentam-se como fases, períodos em que a Análise de Discurso é também disciplinarizada no Rio Grande do Sul, mas não apenas no que diz respeito ao recorte temporal, também no que diz respeito ao processo diferenciado de disciplinarização, ocorrido nestes distintos períodos. Assim, nosso caminho interpretativo em dividir em épocas o processo de disciplinarização se deu por entendermos que, nas condições de produção sul-rio-grandense, podemos observar processos distintos de disciplinarização de um mesmo domínio de saber.

**5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.** Apresentamos em nosso artigo duas épocas de disciplinarização, uma primeira, quando não havia ainda um horizonte de retrospectão constituído e cujo campo de saber apresentava uma grande movência e um significativo deslocamento de nomeações e designações. Além disso, teve um início, um meio e um fim, observáveis, todos os três, por meio das próprias nomeações da disciplina. Por outro lado, apresentamos uma *segunda época*, a qual acabou construindo um horizonte de retrospectão e da qual poderíamos afirmar que ainda ressoa na Análise de Discurso praticada hoje no estado. Mas, mesmo com estas ressonâncias, questionamo-nos: será que já não estaríamos hoje vivenciando um outro momento do processo de disciplinarização da Análise de Discurso no Rio Grande do Sul? Portanto, uma *terceira época* estaria se delineando, que

se constituiria como um horizonte de projeção (Auroux 2008) desta *segunda época*, mas que, ao mesmo tempo, descola-se dela ao produzir diferentes efeitos de sentido no seu processo de disciplinarização, começando pela interiorização dos programas de pós-graduação, as diferentes linhas de pesquisa que surgem neste campo do saber, sem necessariamente nomear a disciplina, mas designando-a no interior dos programas nos quais estão inseridos pesquisadores que apresentam diferentes relações acadêmico-científicas, novas redes de pesquisas, outros objetos de estudo, mais conceitos que vão sendo estudados, etc. Uma *terceira época* que não estaria ela só disciplinarizando a Análise de Discurso de uma outra maneira, mas que, ao mesmo tempo, disciplinariza a teoria já conhecida, contribuindo para o desenvolvimento da mesma, fazendo ressoar este trabalho para além das fronteiras institucionais gaúchas?

A partir das retomadas que fizemos no ensejo de compreender um pouco mais sobre o processo de disciplinarização da Análise de Discurso no sul do Brasil, suas relações com tal processo na França e no Brasil como um todo, buscamos uma via para a nossa contemporaneidade, em uma finalização que pode ser tomada também como um começo, reproduzindo a questão que Michel Pêcheux se fez em 1983 (1993, 314): “Pode-se (re) definir uma ‘política’ (disciplinar) da análise de discurso?”.

#### BIBLIOGRAFIA

- Auroux, Sylvain. 2008. *A questão da origem das línguas, seguido de A historicidade das ciências*. Traduzido por Mariângela P. Gali Joanillo. Campinas: RG.
- Guimarães, Eduardo. 2005. *Semântica do acontecimento: Um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Pontes.
- . 2003. “Designação e espaço de enunciação: Um encontro político no cotidiano”. *Letras (UFSM)*: 53-62.
- Maldidier, Denise. 2003. *A inquietação do discurso: (Re) Ler Michel Pêcheux hoje*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes.
- Martins, Taís S. 2008. “Emergência, movimento e deslocamento da disciplinarização da Análise de Discurso no RS”. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Maria.
- . 2012. “Efeitos de sentido na disciplinarização de uma teoria”. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Maria.
- Mazière, Francine. 2007. *A análise do discurso: História e práticas*. Traduzido por Marco Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial.
- Orlandi, Eni. 2012. *Discurso em Análise: Sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes.
- . 2003. “O objeto de ciência também merece que se lute por ele”. Em *A inquietação do discurso: (Re) Ler Michel Pêcheux hoje*, organizado por Denise Maldidier, 9-13. Traduzido por Eni Orlandi. Campinas: Pontes.

- Pêcheux, Michel. 1993. “A Análise de Discurso: três épocas (1983)”. Traduzido por Jonas de A. Romualdo. Em *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, organizado por Françoise Gadet e Tony Hak. Campinas: Editora da Unicamp.
- Scherer, Amanda E. 2012. “A procura da Língua Universal: Entre a memória e a história”. Em *História das ideias: Diálogos entre linguagem, cultura e história*, organizado por Ana Zandwais, 157-154. Passo Fundo: Editora da UPF.
- . 2008. “Dos domínios e das fronteiras: o lugar fora do lugar em outro e mesmo lugar”. Em *Análise do Discurso: Heranças, métodos e objetos*, organizado por Vanice Sargentini e Maria do Rosário Gregolin, 131-141. São Carlos, SP: Claraluz.
- . 2005. “Linguística no sul: Estudo das ideias e organização da memória”. Em *Sentido e memória Campinas*, organizado por Eduardo Guimarães e Mirian Rose Brum de Paula, 9-26. São Paulo: Pontes.
- Scherer, Amanda E. e Verli Petri. 2012. “Le mouvement et les déplacements des études sur le discours à partir des années 80 et leur disciplinarisation: Le cas brésilien”. Em *L'analyse du discours dans la société: Engagement du chercheur et demande social*, organizado por Frédéric Pugnière-Saavedra, Frédérique Sitri e Marie Veinard, 55-65. Paris: Éditions Champion.

**Amanda Scherer**

Universidad Federal de Santa Maria /  
Corpus / CNPq

[amanda.scherer@gmail.com](mailto:amanda.scherer@gmail.com)

**Verli Petri**

Universidad Federal de Santa Maria / Corpus

[verli.petri72@gmail.com](mailto:verli.petri72@gmail.com)

**Taís da Silva Martins**

Universidad Federal de Santa Maria /  
DOCFIX-FAPERGS

[taissmartins1@gmail.com](mailto:taissmartins1@gmail.com)

Trabajo recibido el 8 de septiembre de 2013 y aprobado 5 de noviembre de 2013.